INTRODUÇÃO

Ao longo da sua vida, Krishnamurti defendeu que a dimensão do conflito humano provava a existência de algo «radicalmente errado». Mas a sua explicação das causas ia muito além de um simples julgamento moral. Para ele, era evidente que crenças religiosas e ideologias políticas rivais, com frequência inflamadas pelo nacionalismo, eram claramente divisivas e extremadas por pretensões territoriais e por competição económica impiedosa. Como já vimos na nossa própria época, a necessidade evidente de se trabalhar em conjunto numa situação difícil comum facilmente sucumbe devido a ambições nacionalistas, mesmo após um desastre natural de dimensão mundial como uma pandemia. E agora temos a guerra na Ucrânia.

Krishnamurti também identificou uma fonte de conflito bem mais profunda e duradoura no nosso fracasso em perceber que atos estimulados por pensamentos baseados em experiências do passado, e na memória seletiva e na projeção dessa experiência, estão sempre destinados a gerar brigas nas relações humanas, seja entre duas pessoas ou nos grupos a que chamamos nações. A experiência, inevitavelmente limitada, nunca é capaz de responder em pleno ao novo e ao imprevisto com que a vida constantemente nos presenteia. No entanto, continuamos a tentar que o faça. Argumenta ainda que um fator importante de conflito reside em criarmos pelo pensamento imagens de terceiros e de nós mesmos, ligadas, uma vez mais, pela natureza limitada da experiência em que se baseiam, tornando-se estereótipos controversos.

Assim, a questão essencial e natural que Krishnamurti coloca e quer partilhada por todos é: se pensamento e experiência não bastam em termos de relacionamento humano, o que mais nos resta? As implicações desta pergunta são discutidas em pormenor e repetidamente nesta série de seis conversas.

Foram editados e traduzidos por todo o mundo mais de setenta livros com as conversas, os diálogos e os escritos de Krishnamurti. Então, o que encontrará neste livro um leitor já «experiente»? Indubitavelmente, temas familiares são descritos de forma renovada e ampliada. Mas há também discussão nova e intrincada sobre o impacto psicológico do som das palavras, o «espaço» necessário para ouvir as palavras e a «proximidade» com que cada um aborda um problema. O que há aqui para descobrir por parte de alguém que não conhece Krishnamurti? Além dos pontos já referidos, estas conversas cobrem muitos dos seus grandes temas: o foco em factos, *o que é* em vez de o *que devia ser*; tempo e pensamento; a limitação inerente do conhecimento humano; segurança física e psicológica; os efeitos isolantes do eu; sofrimento; medo; inteligência, amor e compaixão.

Pode o Conflito Ter Fim? é composto por duas partes: as conversas públicas na Primeira Parte e as perguntas e respostas na Segunda Parte. Estas facultam um contraste revelador entre a formalidade obrigatória de uma conversa pública e a informalidade descontraída, que Krishnamurti claramente apreciava, de responder a questões bastante desafiantes.

David Skitt

PRIMEIRA PARTE

CONVERSAS PÚBLICAS

CAPÍTULO 1

LIDAR COM FACTOS. OPINIÕES GERAM CONFLITOS

Juntos, vamos conversar sobre muitos assuntos sérios. Estes encontros não são entretenimento intelectual ou emocional, são sérios, e, juntos, exploramos, investigamos e questionamos. Não apresento ideias, será antes uma observação de factos. A palavra *facto* significa aquilo que foi feito no passado ou que está a acontecer agora. O futuro é não-facto; é uma esperança, uma ideia, um conceito, mas um facto é aquilo que está a acontecer e que aconteceu. Portanto, vamos lidar apenas com factos, não com conceitos, ideias, especulações, por muito que possam ser filosóficos ou interessantes. Vamos ponderar no facto do que somos, no facto do que está a acontecer em nosso redor no mundo e no facto

de a maioria de nós estar preocupada com ela mesma.

Vivemos num mundo desprovido de paz. Há imenso caos, perturbação, perigos graves, terrorismo e ameaças de guerra — tudo isto são factos. É possível levar uma vida quotidiana em paz neste mundo, com esta agitação, estas dificuldades e todos os problemas que temos? Os políticos, a hierarquia cristã, os hindus, os budistas e os muçulmanos falam de paz, mas na realidade ela não existe. E necessitamos de paz para crescer, florescer, compreender, de modo a termos tempo para olhar em volta, para nos explorarmos e o que encontrarmos. Necessitamos de paz, mas não no sentido de liberdade *face* a algo. O intervalo entre duas guerras, entre duas contendas, dois problemas, ou uma sensação de descontração física, não é paz. Paz é algo muito mais essencial, muito mais profundo do que a paz superficial de que dispõe, ou acha que dispõe.

Vamos conversar como dois amigos sobre se é possível viver em paz a nível interior, ou seja, psicologicamente, e exteriormente. Podemos querer paz, entender a necessidade da mesma, mas não levamos vidas pacíficas. E o mundo prepara-se

para a guerra, com ideologias a combaterem-se; políticos e governos não se interessam pela humanidade, preferem a expansão do poder. Não podemos contar que políticos e governos nos tragam paz. Nem as religiões, apesar de estas tanto abordarem o assunto.

Onde pode encontrar a paz? Tem de perceber de forma clara que sem a mesma somos como animais, destruindo-nos — e também destruímos a terra, os mares, o ar. A nível político e religioso, temos esperado que os líderes tragam união e paz, mas também falharam. Governos, políticos, líderes religiosos, movimentos pela paz — nenhum trouxe paz aos seres humanos, nem a si nem a mim. Então, onde a poderemos encontrar? Sem a necessidade básica de paz, não nos é possível compreender as coisas maiores da vida. Portanto, avançaremos nisto juntos, não de forma verbal, nem intelectual, mas para descobrirmos nós próprios — sem qualquer guia, liderança, sacerdote, psicólogo, pois tudo isso falhou — se é possível haver paz no mundo e em nós.

Antes de mais, será possível termos paz interior? *Paz* é uma palavra bastante complexa. Atribuímos-lhe diferentes significados em função do nosso

estado de espírito, dos nossos conceitos intelectuais ou de diversas interpretações românticas e emocionais. Não vamos atribuir-lhe vários significados, mas sim perceber a importância e a profundidade da palavra. A paz de espírito, tal como a paz física, não se limita a uma mera liberdade face a algo, é sim o fim de todos os conflitos. Essa é a paz real, não apenas em nós, mas também com os vizinhos e com o mundo, paz com o ambiente, com a ecologia, paz bem enraizada, inabalável, não algo superficial e passageiro, mas sim uma paz com uma profundidade intemporal. A paz tem sido procurada por via da meditação, e por todo o mundo esse tem sido um dos seus objetivos. Só que a meditação não é a busca pela paz, é algo muito diferente, que vamos abordar agora.

Então, o que é a paz e como assentar e fixar as suas fundações para podermos construir sobre as mesmas, nomeadamente em termos psicológicos? Lembre-se, vamos discutir isto juntos; não pretendo sobrepor-me. Não sou uma autoridade, mas, conversando sobre o assunto, tudo se torna bastante claro. Se nos for possível conversar livres de preconceitos e de ideias feitas, sem conclusões ou conceitos sobre a paz, podemos abordar isto juntos.

Mas se tiver opiniões sobre a paz, o que deve ser a paz, isso trava a sua investigação.

As opiniões não têm valor, embora o mundo funcione com base nelas. As opiniões são limitadas. A sua opinião, ou a minha, as opiniões de governos totalitários ou ditos democráticos, ou as de religiosos, são invariavelmente limitadas. Assim como os seus juízos e opiniões sobre valores. Espero que compreendamos o significado da palavra *limitado*. Ao pensar em si próprio de manhã à noite, tal como a maioria das pessoas, isso é muito, muito limitado. Quando diz que é americano ou britânico, é demasiado limitado. Portanto, as opiniões são limitadas. Quando vê isso com clareza, não se agarra às opiniões ou aos valores gerados pelas mesmas. A sua opinião contra outra opinião não gera paz. É o que está a acontecer ao mundo: uma ideologia em oposição a outra — comunista, socialista, democrática, etc. Portanto, se eu voltar a dizê-lo, entenda por favor que discutimos o assunto juntos, e caso se prenda à sua opinião e eu me restrinja à minha, nunca nos cruzaremos a meio do caminho. Tem de haver liberdade face à opinião e aos respetivos valores.

Pode ser esse o nosso ponto de partida? Dessa forma, não se prenderá às suas opiniões, usando-as como bastões para nos espancarmos ou matarmos mutuamente. Irá assim ver que as suas opiniões são limitadas e como tal acabam por gerar conflitos. Se se agarrar às suas opiniões e experiências limitadas, e o outro fizer o mesmo com as dele, além de conflito, haverá guerras e destruição. Se vir isso com clareza, então as opiniões tornam-se muito, muito superficiais; não têm significado. Assim, por favor, quando se interrogar quanto ao significado de paz, e se é capaz de viver em paz, não forme opiniões sobre isso. Seja livre para questionar e aja durante a própria investigação. Por si só, questionar *é* ação. Não é que questione primeiro e aja depois, simplesmente está a agir ao interrogar. Uma vez mais, espero que isto esteja claro, ou seja, que deva haver liberdade para questionar. É a verdadeira base da paz.

Deve haver liberdade para interrogar a fim de que juntos possamos assegurar realmente, não de forma teórica, mas factual, que tanto eu como o leitor não temos opiniões. É uma exigência muito forte, pois vivemos à base de opiniões. Os *media*, os jornais, as revistas e os livros assentam em opiniões:

alguém diz algo, você concorda e essa torna-se também a sua opinião; outra pessoa lê um livro e forma uma opinião diferente. Assim, para encontrar o verdadeiro significado de paz, e respetivas profundidade, beleza e características, não pode haver parcialidade. É óbvio que essa é a primeira exigência. Não é ter fé na paz ou tornar seu objetivo de vida viver em paz, ou ir buscar o significado de paz a livros ou outras fontes, mas sim questionar profundamente se é capaz de viver em paz.

A ação não surge separada da perceção. Quando encara algo como verdadeiro, essa perceção é ação. Não se trata de perceber e depois agir, pois nesse caso é um conceito intelectual e age a partir dele. O ver é o agir — ver que o mundo está dividido em tribalismo: os britânicos, os alemães, os franceses, os americanos, os russos, todos eles são tribos. Perceber que são tribos, glorificadas enquanto nações, e que este tribalismo cria caos, gerando guerra no mundo. Cada tribo pensa que a sua cultura difere das outras, mas o tribalismo é a raiz, não a cultura. Portanto, observar esse facto liberta o cérebro do condicionamento do tribalismo. Estamos esclarecidos em relação a isso? Percebe, não em termos teóricos ou de ideais, mas

enquanto facto, que o tribalismo — que trouxe alguns benefícios —, o simples facto de existir agora na forma de nações glorificadas, é uma das causas da guerra. É uma realidade. Há outras causas para a guerra, como a economia, por exemplo, mas uma delas é o tribalismo. Quando se percebe que isto não traz paz, tal perceção liberta o cérebro do seu condicionamento tribal.

Está a acompanhar-me? Não estou a persuadi-lo, nem a tentar convencê-lo de nada. Não se trata de qualquer tipo de propaganda, simplesmente encaramos as coisas tal como elas são, sem rodeios.

Por todo o mundo, a religião é um dos fatores de conflito. É cristão, sou muçulmano, e por aí fora. Fomos programados como computadores com base em ideias, a propaganda de dois mil anos — e no caso dos hindus e budistas, de três mil a cinco mil anos. Tenha em conta, por favor, que esta programação gerou arquitetura grandiosa, imagens grandiosas, cantos grandiosos, música grandiosa, mas não trouxe paz à humanidade. Quando se aperceber desse facto, não pertence a qualquer religião — não é hindu, budista ou cristão, nada. Líderes espirituais e gurus geram conflito, contradição e sofrimento. «O meu guru é melhor do que

o teu, a minha seita é mais santificada, fui iniciado, e tu não» — já conhece todos esses disparates. Então, quando vê isto como um verdadeiro facto à sua volta, não se junta a qualquer religião, ideologia, movimento ou guru.

Por favor, isto é muito sério. Se pretende viver em paz, deve haver liberdade face a tudo isto, pois são estas as causas de discordância e divisão.

A verdade não lhe pertence, nem a mim — isso é uma falácia. Não pertence a uma igreja, a um grupo, a uma religião. E a paz só existe se houver liberdade face a esta falácia. O cérebro deve dispor de liberdade para descobrir a verdade. Ainda me acompanha, mesmo a nível intelectual? Sabe, é muito difícil para a maioria de nós ser tão drástico em relação às coisas, pois associámos a noção de segurança a ilusões, a coisas que não são factos, e é difícil largá-las. Não é possível aplicar força de vontade e simplesmente decidir ou dizer: «Não pertencerei a nada.» Essa é outra falácia. Comprometemo-nos com algo, com um grupo, com uma ideia, com uma charlatanice religiosa, por acharmos que há aí algum tipo de segurança. Só que não há segurança em qualquer dessas coisas, e como tal não há paz. O cérebro deve

manter-se seguro, mas o cérebro procurou segurança por via do pensamento em coisas que são ilusórias. Deve libertar-se disso. É capaz de o fazer? Está devidamente empenhado para desejar, almejar e exigir que tem de viver em paz? Ou neste momento, quiçá convencido por mim, diz: «Sim, eu entendo isso tudo, mas…» — mas, mas, mas!

O que estamos a fazer é a discutir isto como dois amigos. Somos amigos, você e eu; dois amigos que não tentam persuadir ou dissuadir, que não pedem um ao outro que se empenhe em algo ou alguém — nesse caso, não seria amizade. Somos dois amigos a perguntar um ao outro se é possível viver em paz ao longo de toda a sua vida. Não em momentos ocasionais, não quando não tem nada para fazer, mas sim viver sem um único conflito, um único problema.

Falemos sobre o cérebro. Não sou especialista, mas conversei sobre o cérebro com muitos cientistas. No entanto, também não aceito o que estes dizem; é bastante mais importante descobrir por si como age o seu cérebro do que serem os cientistas a incutir-lhe o que é o cérebro. O instrumento do cérebro, que é o pensamento, não trouxe paz ao

mundo, nem sequer a si mesmo. Uma vez mais, isso é um facto. E o pensamento atingiu o limite.

Onde deve explorar? E deve ficar bem claro quem é o explorador e quem é o explorado. Se exploro o que é a paz interior, então o «eu» está separado do que é explorado, havendo divisão. Quando há divisão na própria pesquisa, o conflito torna-se inevitável. Por favor, não se trata de um jogo intelectual. Para descobrirmos a profundidade e o significado da paz, assim como as suas ramificações e extensão, temos de compreender desde logo que o explorador é o explorado. O explorador não é diferente da coisa explorada. Por nos encontrarmos fortemente condicionados, é difícil para a maioria de nós aceitar isto. Esta divisão existe desde a infância — o observador e o observado, o examinador e o examinado, o investigador que se acha apartado do que investiga. É este o nosso condicionamento; é mesmo assim; é uma realidade. E, como tal, vivemos em conflito perpétuo, pois sempre que há uma divisão, interior ou exterior, o conflito é incontornável. Se gosta de viver em conflito, isso é consigo. Tenha uma boa vida, desfrute, da diversão e da dor da mesma, mas se quer descobrir como viver em paz, tem de compreender

o facto básico de que o explorador se explora a si mesmo, e não algo que está fora de si. Ele explora a própria estrutura, as suas atividades, os próprios movimentos de pensamento, as respetivas memórias — ele é tudo isso.

Será que já reparou que é um movimento de memória, de capacidade de recordar, de capacidade do tempo? Um dado episódio pode ter ocorrido há cinquenta anos ou ontem, mas a capacidade de recordar é memória. E vivemos das memórias — um movimento a mudar, a reagir, a moldar-se constantemente. *Somos isso.* Será que tem essa noção? Mas achamos que progresso é expansão, continuação, o somatório da memória, tal como um computador.

Não sei se mergulhou no desafio que representa o computador — há quem o possa ter feito. É bastante interessante. Os computadores estão programados para armazenar imensas histórias num único *chip*. O computador faz coisas extraordinárias, como projetar e construir automóveis. Cada geração de computadores é superior à anterior. É certo que ainda não compõem poesia, mas a seu tempo hão de chegar lá, ainda não compõem a música de Beethoven, mas provavelmente irão

criar boa música. Por isso, com o advento do computador, o que acontecerá ao cérebro? Por favor, pense seriamente nisto. Não se trata de atribuir culpas a alguém, mas conversámos sobre isto com projetistas de computadores, assim como sobre os progressos que alcançaram, e eles não se incomodam com o que vai acontecer ao cérebro humano; estão apenas preocupados com o desempenho do computador.

Dissemos que a memória é a capacidade de recordar coisas que aconteceram antes — algo necessário a nível tecnológico e físico. E descobrimos que somos um movimento no tempo, o movimento da memória. Ora bem, a paz assenta em memórias?

Sou capaz de recordar dias e noites em que vislumbrei a extraordinária profundidade e beleza da paz. Essa perceção, essa consciência por um minuto, foi-se, mas recordo-a. O que é recordado é não-facto, e como tal vivemos em memórias mortas, idas, terminadas. Por favor, isto não se trata de algo deprimente ou absurdo a que deva virar as costas, mas veja o que nos faz a memória. A memória explica o facto de eu ter sido programado enquanto hindu, com todos aqueles disparates

patetas, achando que a minha cultura é melhor do que as outras só por existir há milhares de anos; orgulho-me imenso disso. Então, você é tão condicionado como eu — se é que sou. O que significa condicionado pela memória — por não-facto —, e como tal prendo-me às memórias, que são coisas mortas, e você prende-se às suas — enquanto cristão, muçulmano, ou sabe Deus o quê.

Como é evidente, necessitamos de memórias — não pode seguir daqui para casa sem memória. Se conduz um carro, tem de ter memória; se trabalha com tecnologia, necessita de uma excelente memória para manter o emprego. Mas falamos de memórias de experiências agradáveis ou desagradáveis, penosas ou encantadoras — as psicológicas. Então, as memórias são o fator condicionante. Por favor, veja o facto em si, não a minha explicação dele. Uma das nossas dificuldades é preferirmos explicações a factos — saber, por exemplo, porque é que determinados governos se comportam como comportam. Os jornalistas e os especialistas explicam e nós aceitamos a explicação, a lógica, as razões, etc. A descrição não é o facto. A pintura de uma montanha, por muito bela que seja, não é a montanha. Algumas das imagens expostas em

galerias são extraordinariamente belas, mas não são o que representam, o que é algo que foi visto. Lê um romance e é boa literatura — se for — com toda a imaginação, questões românticas, sexo, e por aí fora, escrito por um autor excelente e bastante conhecido. Volto a frisar que isto não é a sua vida. A sua vida está aqui. Por conseguinte, vamos lá descobrir como viver em paz — mas não por via de um método ou de um sistema: «Como?» é a pergunta errada.

Vamos lá ver isso. Qual é a causa do conflito? Todos nós temos conflitos — qual é a raiz? Qual é a raiz de todos os problemas, seja religioso, com meditação, de relacionamento ou político? Na sua raiz, a palavra significa algo lançado ou atirado na sua direção. Um problema é um desafio. Não irá solucionar um problema se reagir com as memórias, pois estas estão mortas, e não vivas. Entende o significado disto, que vivemos com coisas mortas? O nosso cérebro nunca está limpo; funciona sempre no campo da memória. E para viver com uma sensação de grande abundância, de uma paz fluida, tem de haver liberdade face ao passado, à memória. Não a memória de como chegar a casa ou de falar uma língua — se eu não tivesse memória

de inglês, não poderia falar consigo agora e você não perceberia o que este pobre tipo lhe diz… E questiono-me se compreende realmente o que lhe digo agora!

Qual é a função do cérebro? Percebe-se que uma das suas principais funções é organizar coisas no mundo físico. Mas o mesmo cérebro trouxe caos ao mundo. A raiz e fonte de pensamento no cérebro é o instrumento com que operamos. Trata-se de uma grande função do cérebro, a qual gerou problemas e perturbações extraordinárias no mundo. Contudo, o mesmo cérebro também trouxe comunicações rápidas, medicina, excelente nível de cirurgias e tudo o resto. A tecnologia avança a uma velocidade tremenda, e essa tecnologia cria caos no mundo com a ameaça da bomba atómica. Duas grandes potências — não sei porque lhes chamam grandes potências, dado que são idiotas — discutem como se matarem mutuamente com os seus mais recentes mísseis. Foi o que fez o pensamento, sendo uma das capacidades do cérebro. O pensamento também criou catedrais maravilhosas e tudo o que há dentro delas, que não são, portanto, dádivas divinas ou algo sobrenatural. Todos os trajes e ornamentos

dos sacerdotes resultam do pensamento, reproduzindo os antigos egípcios.

Por isso, veja o que faz o pensamento ao mundo. O nosso cérebro, que evoluiu ao longo dos tempos, geração após geração, cria e destrói. E aceitamos isso como modo de vida. Nunca nos desafiámos a descobrir a razão para aceitarmos isto. Nunca nos questionámos quanto à razão de vivermos como vivemos neste mundo caótico, tanto por dentro como por fora. Nunca percebemos que para haver ordem no mundo tem de haver ordem em nós. A nossa casa é a coisa mais importante que temos de arrumar primeiro, e não o mundo à nossa volta. Há coisas no mesmo que são necessárias, como uma organização para acabar com o abate de baleias, proteger a natureza, em vez de destruir a Terra numa procura incessante por petróleo — já sabe o que se passa, devido a governos corrompidos, o que é responsabilidade de todos nós.

Então, qual é a função profunda e fundamental do cérebro? Questione-se a si mesmo. Se o fizer, sem depender do que dizem os outros, das ideias, suposições e teorias deles, e começar a investigar aprofundadamente esta atividade fundamental, a sua essência e o que faz, percebe o que pretende

o cérebro? É mera sobrevivência? É apenas para viver em conflito, divisão e contenda perpétuos? É só para agir e funcionar no seio do seu próprio condicionamento? Destina-se a viver perpetuamente em ilusões e como tal levemente neurótico, desequilibrado, como a maioria das pessoas? Se não for nenhuma destas coisas — e é evidente que não é —, então em que consiste a sua função? Por favor, fazemos esta pergunta a nós próprios. Não lhe faço a pergunta para que aguarde por uma resposta. Vamos aprofundar bastante, mas não conte que lhe diga — então é assim… então não é nada; é tão bom como qualquer outra ideia. Ou quer descobrir por si mesmo a função profunda do cérebro e se o cérebro é diferente da mente, ou se são o mesmo? Quando o cérebro é exaustiva e completamente incondicionado, a mente é capaz de agir sobre o cérebro? Vamos analisar tudo isso. Temos de ser claros quanto aos pontos onde o cérebro é necessário. A atividade física tem de existir, na tecnologia, ganhando a vida, e por aí fora. Depois tem de agir, e essa é uma das suas grandes atividades. Vamos descobrir se o cérebro pode manter-se incondicionado.

Há dias, conversávamos com alguns cientistas e médicos — há muitos peritos no mundo! Sinto-me grato por não ser um deles, e por me considerar apenas uma pessoa vulgar. Discutíamos, em Nova Iorque, se as células cerebrais condicionadas podem sofrer mutações em si mesmas, não por via de meios externos, mas na vida quotidiana. Se não for o caso, estamos condenados a viver permanentemente no nosso condicionamento, e como tal em perpétuo conflito, sem qualquer paz.

Agora, temos de parar, mas vamos continuar a explorar a função profunda do cérebro.